



Eixo Temático: 6 - Práticas pedagógicas, formação de professores e formação continuada

A EXPERIÊNCIA DO CÍRCULO DE LEITURA DOCENTE COMO ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA

Natália Francisca Cardia dos Santos¹

Renata Livia Soares Perini²

Introdução

O objetivo desse trabalho é apresentar uma experiência de formação continuada docente realizada em 2013 em uma unidade escolar da Rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, no estado de São Paulo, contextualizando-a com as discussões atuais sobre formação continuada e centrada na escola (ALMEIDA e PLACCO, 2015; BRUNO et al., 2015; IMBERNÓN, 2011). Essa perspectiva aponta para a necessidade de que os processos formativos derivem de demandas advindas do grupo de professores em sua prática docente, articulando teoria e prática em processos dialógicos nos quais as equipes docentes construam conhecimentos sobre seu trabalho e busquem superar as dificuldades encontradas. Destacamos a importância do coordenador pedagógico nesse processo enquanto mediador entre o espaço da formação e as práticas docentes.

O relato de experiência consistiu na construção de um “Círculo de leitura docente” que envolveu o grupo de professores na leitura do livro “Quando eu voltar a ser criança”, de Janusz Korczak (1981), pediatra e educador polonês que valorizava o papel da afetividade nos processos educativos e cuja obra é uma “é uma permanente reflexão sobre a prática” (GADOTTI, 1997). A partir da leitura, a equipe docente viu-se motivada a produzir seus próprios relatos enquanto alunos e professores, culminando em um livro coletivo. A experiência foi conduzida pela coordenadora pedagógica que atuava na unidade escolar na qual a atividade se desenvolveu e que é uma das autoras deste trabalho.

A experiência evidenciou a importância da formação continuada na mobilização dos saberes docentes para a construção de um trabalho coletivo que dialogue com o contexto escolar.

1 Profissional efetiva na Rede Municipal de Ensino de São Paulo; mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho; Contato: nataliacardia@gmail.com

2 Supervisora escolar na Rede Municipal de Ensino de São Paulo; mestre em educação pela Universidade de São Paulo; Contato: renatalivia@hotmail.com



A formação continuada centrada na escola

A formação continuada docente é um direito de professores e profissionais da educação, cabendo aos entes federados sua garantia, como apregoa a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) (BRASIL, 1996).

Além disso, ela é parte do processo de profissionalização da carreira docente e exerce um papel importante na melhoria das práticas escolares, juntamente a outros fatores, como condições de trabalho, salário, níveis de decisão e participação, como aponta Francisco Imbernón (2011), estudioso do campo. O autor defende que a formação deve ser centrada nas situações problemáticas vivenciadas pelos professores em suas práticas, e não em modelos genéricos que pouco ou nada dialogam com os contextos específicos de cada unidade escolar, considerando ainda que a escola é capaz de produzir saberes e que os professores podem construir coletivamente uma forma de educação emancipadora a favor da aprendizagem de todos. A esse respeito, o autor destaca:

A aquisição de conhecimentos por parte do professor está muito ligada à prática profissional e condicionada pela organização da instituição educacional em que esta é exercida. Por isso é tão importante desenvolver uma formação na instituição educativa, uma formação no interior da escola. Como a prática educativa é pessoal e contextual, precisa de uma formação que parta de suas situações problemáticas. Na formação, não há problemas genéricos para todos, nem portanto, soluções para todos; há situações problemáticas em um determinado contexto prático. Assim, o currículo de formação deve consistir no estudo de situações práticas reais que sejam problemáticas. (IMBERNÓN, 2011, p. 17 – grifo do autor).

Destacamos que a rede municipal de ensino de São Paulo possui um espaço institucional para a formação continuada chamado Projeto Especial de Ação (PEA) dentro do horário de trabalho dos professores³. O PEA, que surge na década de 90 como uma proposta

³ O PEA é regulamentado por portarias e instruções normativas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e possui especificidades nas diferentes etapas de ensino. Nos Centros de Educação Infantil (que atendem bebês e crianças de zero a três anos), são parte da jornada de todos os professores; nas Escolas Municipais de Educação Infantil (que atendem crianças de quatro e cinco anos) e nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (que atendem crianças e jovens de seis a quatorze anos) e Médio (até dezessete anos), há critérios para a participação na jornada que inclui o horário de formação, de modo que pode ocorrer de nem todos os professores participarem, a depender de sua opção de jornada. Na ocasião da experiência aqui relatada, a



pragmática de dar solução aos problemas concretos vivenciados pelas escolas, adquire ao longo dos anos a característica de ser um espaço privilegiado para estudos, reflexões, construção de propostas e projetos educacionais e avaliações das práticas, tendo por base os preceitos da formação centrada na escola, ao qual conjuga uma série de facilitadores para sua realização: o fato de ocorrer na própria unidade escolar onde o professor atua, o tempo disponibilizado para sua execução e a remuneração ao professor enquanto parte de sua jornada de trabalho. Destacamos que na rede municipal paulistana a formação continuada é coordenada, especificamente, pelo coordenador pedagógico da unidade, que se constitui num interlocutor privilegiado entre as práticas docentes e a formação continuada, sendo essa sua primeira e principal atribuição (PLACCO; SOUZA; ALMEIDA; 2015).

Círculo de leitura docente

A experiência aqui relatada ocorreu em 2013 e foi realizada pela coordenação pedagógica de uma escola municipal da cidade de São Paulo junto à equipe docente. Partindo da avaliação das ações formativas do ano anterior, observou-se a necessidade de articular o momento da formação continuada a “ações práticas”, pois os professores apontaram que a mera leitura de textos teóricos e posterior discussão em grupo não vinha atendendo às demandas formativas da equipe. Desse modo, o grupo construiu a proposta do “Círculo de leitura docente” inspirado nos “Círculos de Cultura” de Paulo Freire (1985). Foi eleito o livro “Quando eu voltar a ser criança”, de Janusz Korczak (1981), como ponto de partida para a formação. Nos três meses seguintes, a equipe docente e coordenação pedagógica realizaram a leitura do livro, que foi feita de modo compartilhado, ou seja, cada participante lia um trecho que era seguido de reflexões, contextualizações e discussões do grupo.

A obra, definida pelo próprio autor como novela psicológica, conta a história de um professor frustrado com sua realidade que tem a chance de voltar a ser criança por meio de um duende, mas mantendo suas memórias de adulto. Grande parte das passagens do livro refere-se às experiências escolares da personagem, que durante a narrativa tece conexões entre o mundo da criança/aluno e do adulto/professor, estabelecendo um paralelo entre os

legislação que regulamentava o PEA na ocasião era a Portaria SME nº 1.566/2008; atualmente, é a Instrução Normativa SME nº 002/2019. As legislações municipais de São Paulo podem ser consultadas no Catálogo de Legislações Municipais. Disponível em: < <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/> >. Acesso em: 24/10/2020.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

sentimentos vivenciados nas duas fases da vida e indicando aproximações entre o pensamento infantil e adulto.

A leitura compartilhada foi intercalada com discussões da prática docente em temas como aquisição do processo de escrita, avaliação, o papel da afetividade nas relações de ensino, e discussões teórico-práticas quanto às habilidades trabalhadas antes, durante e após a leitura, em visível diálogo com a proposta curricular da rede municipal paulistana na ocasião (SÃO PAULO, 2006). Ao término da leitura do livro, o grupo realizou oficinas de escrita para a produção de textos de memórias de infância e experiências atuais enquanto professores, atendendo a estruturas de gêneros textuais específicos (memória literária para as histórias de criança/aluno e crônica para situações vividas como professor).

Para finalizar o processo, o grupo propôs a composição de um livro de modo a tornar concreto o processo vivido, o que se somou ao fato da unidade escolar estar comemorando 25 anos de existência naquele ano, o que suscitou nos professores o desejo de deixar uma marca de sua participação na história da escola.

O grupo decidiu abrir a proposta de escrita aos demais professores da unidade que não participavam dos horários de formação, a qual teve grande número de adeptos e que acreditava-se ser resultante da extensão do sentimento de pertencimento à proposta e à escola, já que durante todo o processo, naturalmente, as discussões promovidas através da leitura do livro nos horários de formação alcançavam a sala dos professores, sendo constantemente objeto das conversas nos momentos de café ou em outros momentos de interações. Além disso, a proposta de produção estimulou os docentes à socialização de suas memórias e de seus desafios na docência, bem como de suas estratégias de superação. Nasceu assim o livro: “Eu que um dia fui aluno... hoje sou professor”, que contou com 23 professores participantes e voluntários para ilustração, revisão ortográfica e diagramação.

Os professores decidiram gravar algumas histórias em *audiobooks*, motivados pela possibilidade de ampliar as possibilidades de acesso. Foi acrescentado um CD com a narração das histórias dos professores participantes utilizando o programa *Audacity*, para o qual os professores receberam capacitação por meio de oficinas realizadas, incluindo mais um elemento no repertório para a qualificação da prática docente, que é a utilização das tecnologias como potencializadoras do processo de ensino e aprendizagem.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

A obra “Eu que um dia fui aluno... hoje sou professor Escola São Lourenço” foi concluída e possui 44 histórias ilustradas com caricaturas dos professores quando crianças e adultos, e teve seu lançamento oficial na festa de comemoração dos 25 anos da escola, quando foi apresentado à comunidade escolar e à Diretoria Regional de Educação da região, representada na ocasião pelo Supervisor Escolar da Unidade e pela Diretora da Divisão Orientações Técnico-Pedagógicas (DOT-P⁴) e inserido ao acervo da sala de leitura da escola, podendo ser “lido e vivido” por todos.

A unidade realizou uma avaliação da atividade formativa por meio de questionário entregue aos professores, debates e entrevistas individuais. Nos registros escritos, observa-se que um grande número de respondentes, quando questionados sobre os efeitos do Círculo de Leitura em suas práticas, utilizou a palavra “reflexão” e verbos que remetem a mudança de atitudes, tais como: “mudei”, “estou fazendo diferente”, “comecei a”, “atualmente estou mais”, “já não ajo assim quando”, “percebi que”, “por isso passei a”.

Nos relatos orais, a professora de Língua Portuguesa revela:

A partir da leitura e depois de lembrar da minha história como estudante, eu me vejo mais compreensiva. Já não fico incomodada com as conversas. Tenho me percebido observando mais os alunos antes de dar broncas neles e com isso acho que as relações nas minhas aulas estão ficando mais leves. A questão de gritar menos e olhar mais nos olhos, sabe...é como se eu me reconhecesse neles.

O professor de Ciências complementa:

Acho que a leitura do livro e depois a escrita de nossas memórias fomentou, pelo menos em mim, pensar como criança dentro de uma escola, como profissional nunca tinha parado para pensar (...) até mesmo sobre como lidar com a criança, porque às vezes a gente esquece que já foi criança e fica vivendo só no mundo “adulto” e esquece que estamos trabalhando com crianças com um universo próprio, universo do qual a gente já pertenceu. Então todas essas sensações que a gente vivenciou, rememorou, hoje assiste (...) os alunos também ficam eufóricos, com o material novo por exemplo. Se antes isso era motivo de irritabilidade, agora tenho achado imperdível... são relações afetivas. E concluo agora que a escola (nós), somos isso: muito mais que conteúdos, construímos relações! E isso é tão ou mais importante que alfabetizar, fazer cálculo, etc. Esse resgate, falar das nossas vivências... é nos valorizar.

Em relação aos desafios, os docentes apontaram que a maior dificuldade foi de ordem técnica quanto a produção dos textos dentro dos gêneros textuais escolhidos, seguido da dificuldade de olhar para si e transformar as experiências passadas em relatos.

4 Atualmente, essa Divisão chama-se Divisão Pedagógica – DIPED.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

Dois professores de Educação Física relevam que “o maior desafio foi escrever nos gêneros propostos. Nossa formação na faculdade não nos preparou para isso, e a dinâmica da disciplina também não contribui muito”. Já o professor de Ciências aponta que “desafio mesmo, foi falar da gente”.

Observa-se que o processo desencadeou uma reflexão individual que reverberou em uma reflexão coletiva, revelando que o trabalho docente não é isolado, assim como as experiências individuais, aproximando-se da proposta de uma “comunidade de aprendizagem”:

Na maior parte das vezes, a realidade das escolas ainda é de isolamento do professor. Sua responsabilidade começa e termina na sala de aula. A mudança dessa situação pode ocorrer pela adoção de práticas participativas, em que os professores aprendam nas situações de trabalho, compartilhem com os colegas conhecimentos, metodologias e dificuldades, discutam e tomem decisões sobre o projeto pedagógico-curricular, sobre o currículo, sobre as relações sociais internas, sobre as práticas de avaliação. Esse modo de gestão considera a escola uma comunidade de aprendizagem, ou seja, uma comunidade democrática, aberta, de aprendizagem, de ação e reflexão (LIBÂNEO, *et al.*, 2013, p. 428).

Considerações finais

A experiência aqui relatada reitera a literatura no campo da formação continuada sobre a importância de ela emergir do contexto da escola, das demandas formativas da equipe docente e de contar com a participação de todos em diversos tempos e espaços da formação: desde o planejamento até momentos pragmáticos, como foi, no caso relatado, a produção de um livro coletivo. A guisa de conclusão, pode-se afirmar que o grupo passou a compartilhar significados, inserindo-se em novos processos de socialização profissional docente na cultura da escola, que se constituiu num espaço que valoriza suas próprias experiências e que tem toda comunidade escolar como sujeitos de sua ação. A análise dos resultados demonstra a imprescindibilidade dos espaços de formação continuada no contexto escolar e a importância da problematização da prática pedagógica dos professores envolvidos, tornando-as objeto principal dos estudos.

Referências

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org). **O coordenador pedagógico e a formação centrada na escola**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.



XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 24/10/2020.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTIV, Luiza Helena da Silva (org). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Korczak, precursor dos direitos da criança.** In Boletim nº 4 - 1997. São Paulo: Associação Janusz Korczak do Brasil. Disponível em <<http://www.comitepaz.org.br/download/Janusz%20Korczak%20-%20Moacir%20Gadotti.pdf>> Acesso em: 24/10/2020

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança.** São Paulo: Summus, 1981.

NOVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1.106-1.133, out./dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

PLACCO, Vera Maria Nigro de S.; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **O coordenador pedagógico e a formação de professores: intenções, tensões e contradições.** (Fundação Carlos Chagas, Fundação Victor Civita). Fundação Victor Civita. Estudos e Pesquisas. São Paulo, 2011.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento das competências leitora e escritora no ciclo II:** Cadernos de Orientação Didática de Língua Portuguesa / Matemática / Geografia / História / Ciências / Artes / Educação Física / Língua Inglesa. Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: SME/DOT, 2006.

Palavras-chave: Coordenação Pedagógica. Formação continuada docente. Projeto Especial de Ação.